DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

VACINAS SOB A LUZ DA INFLUÊNCIA NEGACIONISTA

Maria Vitória de S. Fernandes

Com a popularização do acesso à internet e das redes sociais, acabamos por presenciar uma mudança na forma como as pessoas passam a consumir e buscar informações. Na década de 1980 e 1990, por exemplo, os principais meios utilizados pelas pessoas para se informar eram as mídias tradicionais, através da leitura de jornais impressos, bem como assistindo ou ouvindo os noticiários apresentados pelos meios de comunicação na TV e no rádio. No entanto, a partir dos anos 2000, começamos a nos debruçar sobre o fenômeno da internet e de seus apêndices, as chamadas redes sociais e também a classe dos influenciadores digitais. Com isso, agora é nessas plataformas digitais e através desses influenciadores que uma parte considerável da população se informa. Tal fato passa a ir de encontro com a desinformação, e vem se tornar um problema de saúde pública quando parte dessa desinformação é sobre as vacinas disponíveis no sistema de saúde e corrobora para a hesitação vacinal.

Como ponto de partida para tal, vamos fazer uma viagem no tempo em direção ao ano de 1998, pois foi exatamente neste ano que o mé-

dico britânico Andrew Wakefield teve seu artigo publicado no periódico científico *The Lancet*, que visava relacionar a ocorrência de autismo com a vacina tríplice viral. Ele utilizou dados falsos para afirmar que a vacina tríplice viral era um dos fatores que levava a ocorrência de autismo em crianças.

Esse estudo foi amplamente desacreditado pela comunidade científica após novas pesquisas que verificaram que a relação entre o imunizante e a ocorrência de autismo não possuía uma relação causal. Tempos mais tarde, foi descoberto que Wakefield tinha um pedido para patentear uma vacina contra o sarampo que viria a ser a concorrente da vacina tríplice viral e que estava cooperando com advogados que tinham interesse de obter lucro processando os fabricantes das vacinas. Como resultado desse escândalo, a *The Lancet* tirou o artigo de transmissão e publicou uma retratação no ano de 2010, doze anos mais tarde. Andrew Wakefield por sua vez, perdeu suas credenciais.

A grande questão que reverbera esse escândalo até hoje é que o movimento antivacina que já existia antes do artigo em 1998, se intensificou ainda mais após a sua publicação e ganhou força, pois agora o movimento pode argumentar com base em “evidências científicas”. O que representa um agravante à situação atual, pois no Brasil, por exemplo, conforme os dados disponíveis na pesquisa de Percepção pública da C&T no Brasil de 2023 da CGEE, 20,8% dos entrevistados responderam que concordam totalmente com o fato de que algumas vacinas podem causar autismo. Fato que causa espanto, pois há exatos quatro anos estávamos no início de uma pandemia e nossa esperança de voltar à “normalidade” se encontrava totalmente atrelada a termos uma vacina que nos conferisse proteção em massa.

Por outro lado, esse feito pode ser explicado a partir da perspectiva de que o movimento antivacina também conquistou outros aliados nos dias atuais, os chamados influenciadores digitais, que disseminando informações falsas, soluções alternativas à vacina e distorcen-

do fatos científicos relacionados às vacinas, vêm ganhando o público e contribuindo para a hesitação vacinal, que tem como característica o atraso em aceitar se vacinar ou a recusa do imunizante. E a população, que já sofre a influência dos fatores sociais, políticos, culturais e pessoais que desempenham um papel determinante e que são muito mais complexos do que o ato de tomar a decisão de se vacinar ou não, agora também precisa lidar com o arco dos influenciadores digitais e o *lobby* por trás deles, que nos dias atuais parecem ser os maiores detentores da atenção do público.

Podemos ver isso muito bem na análise realizada por Brotas *et al.* que foi publicada em 2021. Nela, os cientistas analisaram discursos de influenciadores negacionistas sobre as vacinas no YouTube. Os vídeos traziam alegações como “a vacina do H1N1 causa câncer”, “As vacinas são venenos que entram dentro do corpo”, etc. – fatos esses checados e desmentidos por agências de checagem de informação.

E engana-se quem acredita que somente os influenciadores que trabalham diretamente com a internet são os principais responsáveis pela propagação de desinformação a respeito das vacinas. Médicos como o Dr. Uronal Zancan e o Dr. Lair Ribeiro sempre demonstraram posições contrárias a vacinação em suas falas e postagens em redes sociais. Ambos os profissionais são adeptos do discurso de que terapias e tratamentos naturais e alternativos são a melhor opção para se proteger contra as doenças ao invés dos imunizantes.

Conforme a investigação realizada pelo *Intercept Brasil* em 2022, alguns médicos influenciadores eram pagos pela indústria farmacêutica durante a pandemia para divulgarem nas suas redes sociais o tratamento precoce contra a covid-19 e também para levantar dúvidas sobre a eficácia das vacinas. Todos eles se aproveitaram do seu número de seguidores, da credibilidade, do reconhecimento, da confiança que possuem como profissionais da saúde e da onda negacionista para

lucrar e vender desinformação, colocando em risco a saúde de outras pessoas.

Mas qual é o ponto de tudo isso? Essa é uma das perguntas que flutuam pela minha cabeça diariamente. Por hora, não tenho respostas concretas em relação a ela, mas cheguei a algumas conclusões.

Primeiro, vivemos atualmente em uma situação política que tende a cada vez mais ser polarizada, e como em qualquer âmbito da polarização sempre teremos dois lados e cada lado sempre toma uma verdade para si quase que inquestionável, sendo que aqui o grande objetivo é promover a sua verdade. Também estamos em um ponto de ruptura em que as teorias da conspiração e métodos alternativos estão sendo mais creditados pelas pessoas do que o conhecimento empírico.

Atualmente a luz amarela do semáforo parece ser totalmente ignorada, as pessoas não querem mais olhar se algo vai mudar ou não, elas só querem simplesmente seguir em uma única direção, seja ela avançar ou parar. E o movimento negacionista antivacina e os *influencers* se beneficiam quando a decisão passa a ser unilateral, pois eles têm a chance de se promover e ganhar forças. Além disso, porque a polarização e a guerra de ideologias conseguiram tornar as vacinas, um assunto de saúde pública e coletiva, um objeto partidário.

E, por fim, há influenciadores digitais disseminando desinformação sobre vacinas porque eles estão lucrando com isso, seja recebendo dinheiro de empresas farmacêuticas, posições políticas ou vendendo cursos ensinando sobre “a verdade que estão te escondendo”.

Com isso, no final do dia, quem sai perdendo somos nós. Nós que sem perceber nos tornamos vítimas inconscientes de movimentos conspiracionistas que acabam ferindo o nosso pacto social.

REFERÊNCIAS

BROTAS, Antonio Marcos Pereira *et al.* Discurso antivacina no YouTube: a mediação de influenciadores. **RECIIS** – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 72-91, jan./mar. 2021.

CGEE. **Percepção Pública da C&T no Brasil – 2023**. Resumo Executivo. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2024.

GOMES, Cesar Augusto. Comportamento nas mídias sociais está associado à hesitação vacinal. **Mindflow** – Divulgando a Divulgação Científica, 2 out. 2023. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mindflow/qual-a-real-influencia-das-midias-sociais-no-comportamento-hesitante-em-se-vacinar-contracovid-19/>. Acesso em: 5 maio 2024.

IDOETA, Paula Adamo. O que é e por que cresce o movimento antivacina no mundo. **BBC News Brasil**, 19 jul. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-40663622>. Acesso em: 8 maio 2024.

LICHOTTI, Camille. Vacina vira alvo da mentira. **Revista Piauí**, 18 dez. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/vacina-vira-alvo-da-mentira/>. Acesso em: 3 maio 2024.

ORAZEM, Eloá. Negacionismo “good vibes”: influenciadores dos EUA negam a vacina contra covid-19. **Brasil de Fato**, 19 dez. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/19/negacionismo-good-vibes-influenciadores-dos-eua-negam-a-vacina-contracovid-19>. Acesso em: 3 maio 2024.

SILVA, Victor. Médicos influenciadores cobram R\$ 500 por atestado antivacina. **The Intercept Brasil**, 23 fev. 2022. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2022/02/23/medicos-influenciadores-cobram-r-500-por-atestado-antivacina/>. Acesso em: 4 maio 2024.